

De sangue azul, de importante,  
De um verdadeiro fidalgo.

Mas o seu traje ordinário  
Não lhe dá nenhum destaque:  
Vê-se logo que é operário,  
Com sua blusa de cáqui.

.....  
Quant a bondade, ness'ave!  
Ela é mineira na certa:  
Sua casa não tem chave,  
Traz a porta sempre aberta.

Extinguindo-se tranqüilamente em Caxambú, onde residia, deixou aos seus um nome honrado, acima de tudo dignificado pela pobreza. Era primo de Eugênio Rubião e Alvas Rubião, aquele sucessor de Navantino Santos na cadeira n. 35.

J. C. OLIVEIRA TORRES — Filho de João Camilo de Oliveira Torres e d. Rosa de Assis de Oliveira Drummond, nasceu João Camilo de Oliveira Torres em Itabira do Mato Dentro em 31 de julho de 1915. Pelo lado materno é primo de Carlos Drummond de Andrade. Feitos os estudos primários e parte dos secundários na terra natal, veio concluí-los em Belo Horizonte. Indo



para o Rio de Janeiro, doutorou-se em filosofia na antiga Universidade do Distrito Federal, tendo como professores Sarreto Filho, Alvaro Vieira Pinto, Padre Maurílio T. L. Peinado e Frei Damião, Bergê. Retornando a Belo Horizonte, dedicou-se ao magistério, ao jornalismo e a uma intensa atividade intelectual. Funcionário público, pertence aos quadros do Instituto dos Comerciantes, tendo, na condição de técnico, secretariado a Comissão de Reforma da Previdência Social no Brasil, presidida pelo Ministro Parsifal Barroso, e cujas conclusões serviram de base para o ante-projeto, apresentado ao Congresso Nacional pela presidência da República. Exercendo o magistério desde 1944, a princípio na Faculdade de Filosofia "Santa Maria", de Belo Horizonte, professou várias disciplinas, fixando-se, na atualidade, em História do Brasil. Paralelamente a primeira turma da referida Faculdade, em 1945. É professor de Filosofia Moral na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. No jornalismo, que é uma das formas de expansão de suas idéias, vem militando desde jovem, colaborando na imprensa e na revista, não apenas em Belo Horizonte, mas no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Petrópolis e outros pontos do país. É atualmente redator de "O Diário", de Belo Horizonte, cujas colunas frequenta com assiduidade. Estreou em livro em 1940 com o trabalho O SENTIDO E A FINALIDADE DO ENSINO UNIVERSITÁRIO. Três anos depois, publicou POSITIVISMO NO BRASIL, que se acha em segunda edição, e no qual revelou pendores para o ensino filosófico, sob influências hauridas em Max Scheler e Jacques Maritain, segundo se desprende de suas próprias afirmações. Logo a seguir, saiu a lume O HOMEM E A MONTANHA, que conquistou o Prêmio "Diogo de Vasconcelos", conferido pela Academia Mineira de Letras. Paralelamente ao campo filosófico dedica-se ao ensaísmo político, no qual se refletem influências de G. Ferrero e tratadistas inglês, com Jennings à frente, e, também, à historiografia, para qual foi encaminhado por seu irmão escritor Luiz Camilo de Oliveira Neto, já falecido, sem

ocultar o infuso ideológico, que lhe despertaram os trabalhos de Gilberto Freyre, Alceu Amoroso Lima e Mário de Andrade. A **LIBERTAÇÃO E O LIBERALISMO** (1949) é o seu quarto trabalho, que se completa com um trabalho especializado **A CRISE DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO BRASIL**. Cuidando da literatura infantil, publicou **JOÃO SURRINHA NAS MONTANHAS**. Recentemente lançou **DEMOCRACIA COROADA**, (Teoria Política do Império do Brasil, prêmio "Cidade de Belo Horizonte"), que é o n. 93 da Coleção de Documentos Brasileiros, da Editora José Olímpio. Tem no prelo o importante livro **CONSELHOS A REGENTE**, da autoria do Imperador Dom Pedro II, recentemente descoberto em Petrópolis. Além do livro de literatura infantil **AS FÉRIAS DE JOÃO SURRINHA**, e um volume de estudos políticos, já entregue à Editora Vozes de Petrópolis, prepara um volume sobre a situação do regimen representativo e um estudo da evolução da ideologia federalista. Foi eleito, para a Academia Mineira de Letras em dezembro de 1953. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e ao Instituto de Sociologia e Política de Minas. Sociólogo brilhante, pensador arguto, teórico sincero do regimen monárquico, expende as suas idéias com absoluta seriedade, animado de intenso espirito público.

Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA

*Cadeira n. 40. Patrono: Visc. de Caeté*

**PINTO DE MOURA** — Francisco Augusto Pinto de Moura, filho do Major José Teixeira da Fonseca Vasconcelos e Dona Generosa de Ataíde Pinto Coelho, nasceu em Caeté em 2 de abril de 1864 e faleceu em Caxambu em 17 de janeiro de 1924. Neto, pelo lado paterno, do Visconde de Caeté e, pelo materno, sobrinho do Barão de Cocais, fez seus estudos no Ceará. Indo para S. Paulo, diplomou-se em ciências jurídicas e sociais na velha Faculdade de Direito, ao lado de Astolfo Rezende, José Bonifácio, Alberto Diniz, Randalfo Chagas, com os quais dirigira o Clube Republicano. Vindo para Juiz de Fora, aí estabeleceu a sua banca de advogado, dedicando-se também ao magistério, em várias disciplinas, entre as quais tiveram relevo as matemáticas. Com Antônio Carlos, Estevam Lobo, Delfim Moreira, Loreto de Abreu, Nogueira Itagiba e Olímpio de Arújo, redigiu panfletos de propaganda republicana. Proclamada a República, foi logo esquecido.



**PINTO DE MOURA**

Se conhecera a decepção, não seria ela oriunda do abandono em que ficara, mas exclusivamente pelos rumos que tomara o regime, eivado de positivismo, em contraposição com os seus ideais de católico fervoroso. Homem austero, imbuído de ideais humanitários em sentido puro, foi um dos pioneiros em Minas pela libertação dos escravos. Advogado brilhante, buscou a defesa dos operários de Juiz de Fora, conduzindo-se de maneira brilhante na empresa, lido que era nas famosas encíclicas do Papa Leão XIII. Sem favor nem exagero algum, como acontecera a Medeiro de Albuquerque, no Brasil, propugnara em Minas pela reforma do regime trabalhista, idéia que vinha acalentando desde os tempos de estudante, na luta pela libertação dos escravos. Trabalhou sem cessar no jornalismo, escrevendo fartamente para o "Diário da Tarde", "Paládio", e também para semanário "Lar Católico", todos de Juiz de Fora. Exerceu, como foi acentuado, o magistério, e nele foi sempre admirável, mercê de sua brilhante capacidade de orador. Deputado estadual em várias legislaturas, vinculou o nome à vida parlamentar, mormente nas Comissões de Finanças e de Justiça, em pareceres notáveis, sempre recebidos com admiração e respeito. Não deve ser relegada a plano inferior a sua sensibilidade artística, na condição de poeta, que, se não revela, em verdade, altos vãos de inspiração, deixa, entretanto, a nota indelével de intimista delicado. Publicou "Discursos", "Monografias" e um volume de versos, sob o título "Poesias". No governo do Presidente Raul Soares, foi nomeado prefeito de Caxambu, onde faleceu. Homem austero, de trato suave, embora marcado pela saúde e discreção de maneiras, foi, pelo temperamento, um digno e admirável continuador da estirpe de Visconde de Caeté, seu glorioso avô.

*diário de Minas. 10. 11. 1957*